

## Novos populismos na América Latina: a formação do *Cabildo Abierto* no Uruguai

Davi Jose Franzon<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0002-4963-5379

Agustina Martiarena Pazos<sup>2</sup>

ORCID: 0000-0002-8466-8096

**Resumo:** Este artigo busca responder à seguinte pergunta: a formação do partido *Cabildo Abierto* no Uruguai representa uma nova forma de populismo de direita radical? Para respondê-la, adotamos uma abordagem ideacional do populismo e investigamos como discursos autoritários, revisionistas e conservadores se articularam em um novo partido político em meio à crise da direita tradicional. Utilizando metodologia qualitativa e estudo de caso, o trabalho combina análise documental, legislativa e dados do Barômetro das Américas (LAPOP). Os resultados indicam que, embora o CA atue com forte retórica moralizante e antipluralista, ele opera em um contexto institucional democrático consolidado, com limitações estruturais para sua expansão. Conclui-se que o CA representa um novo ator da direita radical na América Latina, cuja atuação se ancora na rejeição à agenda progressista e na construção de uma identidade nacional conservadora.

91

**Palavras-chave:** *Cabildo Abierto*. Populismo. Direita radical. Uruguai. Autoritarismo.

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência Política no PPGPOL (Programa de Pós-Graduação em Ciência Política), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Linha de pesquisa: Teoria Política, Instituições e Comportamento Político. Mestre em Ciências Sociais (Especialização em Ciência Política) pela PUC-SP e bacharel em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Pesquisador no campo das organizações partidárias, sistemas político e eleitoral e mudanças na representação e na participação política. Pesquisador membro do NEPPLA (Núcleo de Estudos dos Partidos Políticos Latino-Americanos). E-mail: davi.franzon@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8167357060528167>

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política na UFSCar, com período sanduíche na Universidad de Salamanca, Espanha (2024). Possui Mestrado em Ciência Política na UFPel (2022). Fez graduação em Ciência Política e Sociologia na UNILA (2018), com período de mobilidade acadêmica na Universidad Nacional Autónoma de México (2017). Tem interesse na área de cultura e comportamento político, e democracia. Atualmente forma parte do Núcleo de Estudos dos Partidos Latino-Americanos – NEPPLA na UFSCar e do grupo de pesquisa Centro de Estudos Políticos e Internacionais da América do Sul (CESPI-América do Sul) da UNILA. E-mail: agustinamartiarena@estudante.ufscar.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9435538878207832>

**Abstract:** This article seeks to answer the following question: does the formation of the Cabildo Abierto party in Uruguay represent a new form of radical right-wing populism? To answer this question, we adopted an ideational approach to populism and investigated how authoritarian, revisionist and conservative discourses were articulated in a new political party in the midst of the crisis of the traditional right. Using qualitative methodology and a case study, the work combines documentary and legislative analysis and data from the Americas Barometer (LAPOP). The results indicate that although the CA acts with strong moralising and anti-pluralist rhetoric, it operates in a consolidated democratic institutional context, with structural limitations to its expansion. The conclusion is that the CA represents a new actor of the radical right in Latin America, whose actions are anchored in the rejection of the progressive agenda and the construction of a conservative national identity.

92

---

**Keywords:** Cabildo Abierto. Populism. Radical right. Uruguay. Authoritarianism.

**Resumen:** Este artículo pretende responder a la siguiente pregunta: ¿representa la formación del partido Cabildo Abierto en Uruguay una nueva forma de populismo radical de derecha? Para responder a esta pregunta, adoptamos un enfoque ideacional del populismo e investigamos cómo se articularon los discursos autoritarios, revisionistas y conservadores en un nuevo partido político en medio de la crisis de la derecha tradicional. Utilizando metodología cualitativa y un estudio de caso, el trabajo combina análisis documental y legislativo y datos del Barómetro de las Américas (LAPOP). Los resultados indican que aunque la AC actúa con una fuerte retórica moralizante y antipluralista, opera en un contexto institucional democrático consolidado, con limitaciones estructurales a su expansión. La conclusión es que la AC representa un nuevo actor de la derecha radical en América Latina, cuyas acciones se anclan en el rechazo a la agenda progresista y la construcción de una identidad nacional conservadora.

93

**Palabras-clave:** Cabildo Abierto. Populismo. Derecha radical. Uruguay. Autoritarismo.

## Introdução

Nas últimas décadas, o debate sobre o fenômeno do populismo ganhou espaço na academia, especialmente a partir da emergência de líderes e partidos com características que deram forma a um populismo de direita radical. Na América Latina, esse tipo de organização é localizada na experiência uruguaia do *Cabildo Abierto*, cuja institucionalização para as eleições de 2019 foi marcada por um significativo êxito, surpreendendo tanto o sistema político local quanto a produção acadêmica. Como resultado, a “velha democracia de partidos” do Uruguai testemunhou a chegada de uma nova organização cuja força política conservadora apresentou um discurso contrário à opinião pública do país.

Este trabalho pretende, a partir da definição ideacional de populismo, observar este caso. Para isso, adotamos variáveis conceituais que permitiram compreender o contexto político e observar a existência de eventos que, à luz da teoria, explicam o surgimento de novos populismos e como eles correspondem aos desejos autoritários de parcela da opinião pública. A pergunta de pesquisa deste artigo é: existe um populismo de direita radical no Uruguai? Para respondê-la, dividimos este trabalho em seis seções e as considerações finais. Nas duas primeiras, colocamos em perspectiva o debate teórico sobre o populismo e acerca da vertente de direita radical. Em seguida, apresentamos os métodos e técnicas adotados para análise das informações coletadas. Na quarta e quinta seções, detalhamos nosso estudo de caso, o *Cabildo Abierto*, e as características do discurso propagado pelas lideranças do CA. Expomos os dados coletados e que apontam a existência de uma demanda na sociedade uruguaia por um tipo de populismo radicalizado à direita. Ao descrevermos detalhadamente nosso caso, a partir de um enfoque qualitativo, dados conjunturais, falas dos *cabildantes* e propostas políticas de figuras centrais da organização, localizamos um conjunto de elementos populistas e autoritários. Como objetivo, este artigo ainda almeja estimular novos caminhos para futuras investigações tanto sobre o fenômeno do populismo de direita radical quanto para a ascensão do *Cabildo Abierto*.

## Os múltiplos significados do populismo

O avanço de novos tipos de organizações e líderes identificados com uma direita radical, tanto na Europa quanto na América Latina, tem como traço em comum

o apoio de parcelas significativas da sociedade por meio de pautas com elevado peso moral e por um sentimento de rejeição a determinados temas, em especial medidas de proteção a vítimas de violência física e verbal, e de apoio a instituições associadas à democracia. Dado que tal realinhamento da direita radical, ou extrema-direita, ocorre em diferentes contextos e ambientes, a Ciência Política adota distintas abordagens para examinar causas e consequências desse cenário, dentre elas a retomada de um conceito que parecia ter caído em desuso nas últimas décadas, o de populismo.

De acordo com Norris e Inglehart (2019, p. 4), o populismo não é uma novidade teórica, suas raízes remontam ao Cartismo, no início da era vitoriana, aos revolucionários Narodniks (populistas), no final do século XIX na Rússia czarista, aos movimentos fascistas do período entre guerras, ao Peronismo, na Argentina, e ao Poujadismo na França do pós-guerra. Conceito polissêmico, ele tem múltiplas definições ao longo da história, o que permite identificar diferentes correntes que se sucederam cronologicamente na tentativa de delimitar o fenômeno, incluindo sua história e funcionamento na América Latina.

Entender como um conceito polissêmico se aplica a uma realidade específica demandou uma revisão da teoria e sua implementação política. A primeira corrente tem origem em trabalhos das décadas de 1950, 1960 e 1970 que mobilizaram o conceito para compreender lideranças como Juan Perón (Argentina), Getúlio Vargas (Brasil) e Cárdenas (México). Para essa corrente, ele é entendido como um tipo particular de movimento social e político, que surgiu nas contradições entre a sociedade tradicional e a industrial (GERMANI, 1964). Sua composição se dá por uma forma autoritária de dominação e incorporação dos marginalizados à política, se valendo de um líder carismático com características caudilhistas, mas sem desenvolver uma ideologia própria ou uma consciência de classe (DI TELLA, 1965; IANNI, 1970). Casullo e Arauz (2023) observam que esta abordagem concebe o populismo de forma essencialmente pejorativa, uma espécie de “desvio” da teoria da modernização.

Uma segunda corrente surgiu na década de 1970 com os teóricos da dependência (CARDOSO; FALETTTO, 1969) e seus interlocutores (WEFFORT, 1978). Para eles, o populismo não é simplesmente uma “anormalidade” da modernização, mas um sintoma das relações globais assimétricas do processo de industrialização (MURMIS; PORTANTIERO, 1971). Assim, longe de ser uma

“massa” controlada por líderes carismáticos, a adesão dos trabalhadores ao peronismo na Argentina ou ao getulismo no Brasil, era uma resposta racional às condições econômicas estabelecidas pelo modelo econômico latino-americano. O populismo, na tradição latino-americana, pode ser resumido a um governo de compromisso (WEFFORT, 1978).

Integrando fenômenos sociais e políticos das décadas seguintes, durante os anos de 1980, 1990 e 2000, uma nova corrente de estudos (WEYLAND, 2001; PANIZZA, 2005; LACLAU, 2005) emergiu, propondo uma abordagem mais abrangente, que não limitou o populismo a uma mera consequência de um modelo de desenvolvimento econômico ou como fenômeno restrito a países emergentes. O ponto unificador é conceituá-lo como uma estratégia política exercida por líderes carismáticos e personalistas, tanto à direita quanto à esquerda, que aproveitam as oportunidades surgidas em meio a crises de representação para disputar e ocupar o poder com o apoio das massas.

Para Laclau (2005), um dos principais defensores dessa corrente, as definições anteriores não abordavam o fenômeno em si, mas suas manifestações, transformando-o em uma espécie de fantasma. O populismo não deveria ser concebido como resultado de uma política específica, mas como uma linguagem política própria, uma forma de se fazer política. Essa linha de pensamento é complementada por Panizza (2005) e, posteriormente, por Rosanvallon (2020). Ambos defenderam que, como estratégia política, as lideranças populistas são bem-sucedidas quando: 1) interpretam adequadamente os desejos difusos da massa; 2) fornecem coesão e compreensão a esses desejos; e 3) os colocam na agenda pública de uma maneira que a própria massa talvez não consiga articular.

Uma ampliação dessa perspectiva é oferecida na atualidade por Moffit (2016), ao caracterizar o populismo como uma “performance pública”, na qual o líder populista cria uma imagem de si mesmo como um herói antagonista do *status quo* e como o representante do “povo”. Moffit afirma que os populistas, em suas performances, misturam elementos populares com antielitismo e recorrem constantemente à ideia de ameaça ou crise. Para Rooduijn (2014), os populistas têm quatro características centrais em comum: a) enfatizam a posição central do povo; b) criticam a elite; c) percebem o povo como uma entidade homogênea; e d) proclamam uma crise séria. Uma última abordagem enfatiza o papel das ideias na conceituação. Tal abordagem passou a ser conhecida como

“ideacional” (MUDDE, 2005; 2017; MUDDE; KALTWASSER, 2019). Mudde e Kaltwasser (2019) definem o populismo como uma ideologia “fina” que polariza a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos: o “povo puro” e a “elite corrupta”. Essa perspectiva dicotômica afirma que a política deve refletir a vontade popular (*volonté générale*). Os autores identificam uma estrutura conceitual densa e autônoma para explicar a realidade. O populismo geralmente se associa a outras ideologias para ganhar substância.

Para Mudde e Kaltwasser (2019), uma ideologia é um conjunto de ideias normativas sobre a natureza humana na sociedade. Embora o populismo não seja tão densamente explicativo, ele tem a capacidade de se aliar a uma variedade de ideologias para criar uma visão de mundo que se adapte a circunstâncias específicas. Ao mesmo tempo, a dicotomia “nós” versus “eles”, na qual o “nós” representa o povo puro, significa um apelo à vontade geral e dá forma a um dos pilares da ação política para o enfrentamento de uma elite corrupta.

Essa literatura entende que o “povo” é uma construção que dá flexibilidade ao líder que a utiliza, mas que é quase sempre utilizada a partir de três definições: povo como soberano, como gente comum e como nação. Todas estão em oposição a uma elite. A primeira é baseada na ideia de que o poder provém do coletivo e que este sempre deve ser considerado; a segunda está associada à ideia de classe combinada ao status socioeconômico, tradições culturais e valores populares; a terceira é uma definição em termos cívicos ou étnicos. Os populistas “combinaram diferentes interpretações de elite e de povo” (MUDDE; KALTWASSER, 2019, p. 47). Os líderes populistas se identificam como a voz da massa em relação à cultura política da sociedade na qual se desenvolvem. Nesta leitura, o populismo nasce de três condições: uma cosmologia maniqueísta e moral; a criação e a defesa do “povo” como comunidade homogênea e virtuosa; e o enquadramento de uma elite como corrupta e egoísta (AGUILAR; CARLIN, 2017; HAWKINS; KALTWASSER, 2017).

Para identificarmos as distinções do caso uruguaio, optamos por uma abordagem do populismo que superasse a estruturalista, a econômica e a de estratégia política. Nossa escolha foi examinar o fenômeno do *Cabildo Abierto* a partir de uma perspectiva ideacional. Essa escolha nos permitiu aplicar o referencial teórico à realidade empírica do caso escolhido, permitindo a apresentação

de nossas inferências sobre as causalidades que tornaram o ambiente político-eleitoral uruguaio propício para um novo tipo de organização.

A dimensão ideacional compõe uma agenda de pesquisa comparativa que coloca em análise a forma e o conteúdo do discurso populista. Neste enquadramento, o fenômeno é entendido como parte de um enquadramento mais amplo, permitindo a construção de uma tipologia discursiva pluralista, identificar pontos positivos nas elites e a falibilidade das massas, superando a dicotomia elite/massas utilizada por líderes e partidos populistas. Essa abordagem caracteriza o populismo como um conjunto de ideias que pode ser combinado com uma série de características ideológicas. O modelo permite examinar causas e consequências do populismo, incluindo o impacto sobre a política e as instituições democráticas (HAWKINS; KALTWASSER, 2017).

Neste estudo de caso, comparamos as definições de populismo oferecidas pela abordagem ideacional. A primeira distinção se dá no uso dos conceitos de elitismo e pluralismo, cuja tradição latino-americana gestou três distintos subtipos de populismo: econômico, estruturalista e uma nova estratégia de abordagem. No primeiro caso, o fenômeno é visto como resultado de um conjunto de políticas macroeconômicas adotadas cujo objetivo eleitoral resulta mais em danos do que em benefícios. A tipologia classifica essas políticas pelo superdimensionamento de temas relacionados à economia, como controle inflacionário e ajustes estruturais. Ela é adotada por jornalistas e *policy makers* que colocam uma elevada carga pejorativa sobre governos populistas (HAWKINS; KALTWASSER, 2017).

Na abordagem estruturalista, a ascensão e o funcionamento de um governo populista são explicados pela revisão do modelo de desenvolvimento adotado no passado. Essa tipologia tem como dimensões a formação e a relação entre classes, o avanço de líderes e movimentos carismáticos pelo discurso de rejeição ao *status quo* e uma política de industrialização. Esta definição põe em perspectiva não somente os políticos responsáveis pelas políticas públicas, mas também os efeitos sobre as massas (HAWKINS; KALTWASSER, 2017). A terceira dimensão associa o fenômeno a movimentos populares conduzidos por líderes carismáticos outsiders. Eles ganhariam com um discurso crítico às elites e a promessa de governos orientados de baixo para cima. Essa forma é próxima à estruturalista na ênfase dada sobre a política, mas engloba os movimentos sem



um apelo à relação de classes ou políticas econômicas. O discurso é tido como insuficiente para entender partidos e movimentos populistas.

Feita essa revisão da literatura, podemos afirmar que as três têm em comum a pouca atenção dada ao conjunto subjacente de ideias que podem explicar o populismo que localizamos no Uruguai a partir de 2019, uma forma radical de extrema direita. É nesta dimensão que a abordagem ideacional ofereceu os meios necessários para examinarmos nosso caso tendo como variáveis-chave suas ideias e discursos, uma vez que ela localizou nas ideias populistas a principal força de ação por trás das demais características. A abordagem ideacional não é limitada a uma simples conceitualização em uma determinada experiência, mas oferece argumentos teóricos sobre a importância das ideias para análises causais. Neste sentido, podemos interpretar o fenômeno populista tendo como referência uma tipologia mais específica e articulada do que um mero conjunto de características.

A técnica nos permitiu destacar de forma clara e minimamente objetiva as características fundamentais do *Cabildo Abierto* por meio da operacionalização do conceito de extrema direita em variáveis empíricas, possibilitando colocarmos a teoria à prova (MUDDE; KALTWASSER, 2019). Além disso, ao não limitar o fenômeno a um contexto específico, essa abordagem se torna particularmente útil em pesquisas comparativas por buscar padrões comuns entre diferentes grupos e compreender suas particularidades. Ela ainda proporciona um consenso mínimo sobre um conceito tão amplamente discutido, facilitando a análise ao longo do tempo e em diferentes contextos geográficos (ROODUIJN, 2014).

## **Populismo de direita radical**

Assim como o populismo, o conceito de direita foi adquirindo diferentes interpretações ao longo do tempo, especialmente quando observamos os casos em contextos distintos. Do ponto de vista histórico, tanto a direita quanto a esquerda surgiram durante a Assembleia Nacional da Revolução Francesa, na qual os defensores da manutenção do Antigo Regime sentavam-se à direita, enquanto aqueles que advogavam por uma nova ordem ficavam à esquerda. A partir dessa

diferenciação espacial surgiram dois polos ideológicos opostos; um conservador, mais à direita, e outro liberal, à esquerda.

Da Revolução Francesa aos dias de hoje, o conteúdo preciso dessas classificações segue em debate. A definição de Bobbio (1996) é provavelmente uma das mais influentes e pressupõe que os termos “direita” e “esquerda” surgem sempre em dualidade. Bobbio enfatiza que ambas são expressões e posições opostas e excludentes, pois não pode haver liberdade total se houver igualdade e vice-versa. No entanto, o conteúdo atribuído à direita e à esquerda pode variar conforme o contexto, mantendo-se a oposição fundamental entre elas.

Com o passar do tempo, a academia observou e caracterizou um conjunto de “direitas”, esse espectro vai da direita clássica (*mainstream right*) até a ultradireita (*far right*). Mudde (2021) defendeu que há uma diferença entre as “radicais” e as “extremas”. Estas (extremas) rejeitam a essência da democracia, incluindo a noção de soberania popular e o princípio da maioria. A direita populista radical aceita a essência da democracia, enquanto rejeita seus aspectos liberais, como os direitos das minorias e a separação de poderes. O autor observa que, em alguns casos, essas tendências podem se unir e dar forma à “ultradireita”.

100

Kaltwasser (2023) defende que a diferença entre a direita “clássica” e a “ultradireita” está no nível de radicalidade ou na relação com a democracia. Enquanto a primeira tende a ser relativamente moderada e respeita as regras do jogo, a segunda é extremista e tem uma relação problemática com a democracia, incluindo com o componente liberal. A expansão da ultradireita surge na década de 1980 quando intelectuais da *Nouvelle Droite*, na França, defendem uma mudança na hegemonia cultural, colocando a dimensão sociocultural sobre a distinção socioeconômica (KALTWASSER, 2023). Na mesma época ocorreu uma mudança na forma de fazer política tanto no Partido Republicano estadunidense quanto no Partido Conservador inglês, além do fortalecimento de Jean-Marie Le Pen e da Frente Nacional nas eleições para o Parlamento Europeu (DOVAL; SOUROUJON, 2023).

Apesar das diferenças dentro da direita, observamos um caldeirão em que a dimensão sociocultural leva as diversas vertentes a assumirem formas variadas. Quando se trata da ultradireita, ela pode ser descrita como uma família diversificada e multifacetada, abrangendo movimentos e partidos da extrema-direita antidemocráticos e racistas e os que nutrem nostalgia pelo fascismo,

de um lado, e grupos populistas, democráticos iliberais e nativistas (DOVAL; SOUROUJON, 2023, p.2). A ultradireita europeia contemporânea muitas vezes apresenta uma agenda programática que se opõe aos valores progressistas defendidos tanto pela esquerda quanto pela direita tradicional (KALTWASSER, 2023; MUDDE, 2007; 2013). Essa agenda radical defende claramente posições socioculturais contrárias ao multiculturalismo e frequentemente adota medidas xenofóbicas. Há uma dualidade em suas propostas econômicas, com algumas vertentes até mesmo defendendo versões do Estado de bem-estar social, mas essa rede de proteção deve limitar-se a atender a população efetivamente nativa.

Ao olharmos para a experiência latino-americana, identificamos que a direita radical emergiu com vigor no cenário político e acadêmico após o giro à esquerda dos anos 2000, efeito da chamada “onda rosa”. Acreditava-se que a direita, centrada no discurso econômico, não tinha capacidade de atrair o voto de um eleitorado sob os efeitos negativos de governos neoliberais. No entanto, ela adaptou-se e incorporou a dimensão sociocultural (LUNA; KALTWASSER, 2014), mobilizando demandas em oposição à chamada agenda de direitos (STEFANONI, 2021) e estabelece laços internacionais sem perder sua identidade específica (SANAHUJA; LOPEZ, 2020; FORTI, 2021; DOVAL; SOUROUJON, 2023).

101

Em resumo, ao considerarmos tanto a ultradireita europeia quanto a latino-americana, observamos mais semelhanças do que diferenças. Ambas são forças políticas radicais e reacionárias que se opõem à democracia. O que as diferencia é o objeto da reação, ou seja, as minorias que ameaçam o *status quo* defendido pelos ultradireitistas. Enquanto na América Latina o foco se dá principalmente na ascensão de minorias raciais ou sexuais, o modelo europeu tem a questão imigratória como variável-chave.

Neste trabalho, buscamos compreender o populismo ligado à direita radical, entendendo essa classificação como um tipo específico, marcado pela antipatia e contestação ao conjunto de normas e princípios democráticos. A interseção entre “populismo” e “direita radical” é invariavelmente influenciada pelo contexto e pela história, uma vez que cada nação tem sua própria trajetória social e política que molda a natureza específica dessa interação. No entanto, há dois fenômenos que frequentemente estão presentes nessa relação simbiótica e que, portanto, podemos tomar como padrão: o nativismo e o autoritarismo

(MUDDE, 2017). O nativismo surge da combinação entre o nacionalismo e a xenofobia, dando origem ao que Mudde (2017) descreve como uma “etnocracia”, fenômeno que percebe a “etnia estrangeira” como hostil e uma ameaça aos direitos e oportunidades dos nativos. Tal forma de política violenta está em ascensão na Europa, especialmente em relação aos imigrantes islâmicos do norte da África, mas também nos Estados Unidos em relação aos hispânicos<sup>1</sup>.

Seguindo as interpretações de Sanahuja e Lopez (2023), reconhecemos que a aplicação do conceito de nativismo, conforme desenvolvido em pesquisas na Europa, é problemática na América Latina. Embora não esteja ausente nas sociedades latino-americanas, seu significado histórico é substancialmente diferente daquele encontrado em países colonizadores, desenvolvidos e com instituições democráticas antigas. Parece-nos mais apropriado adotar uma conceituação não diretamente ligada a uma “etnia nativa”, mas a uma “identidade nacional homogênea” caracterizada por uma retórica patriótica em torno da ordem e da justiça, personificada pelas “pessoas de bem” e “corretas” em oposição aos “bandidos” e “corruptos”. A segunda característica essencial dessa interseção entre o populismo e a extrema-direita é a retórica do autoritarismo, que será um tema bastante discutido no trabalho de Norris e Inglehart (2019). Concordando com o argumento central da teoria ideacional do populismo, os autores (2019, p. 4) avaliam que o fenômeno teria como principal característica “se adaptar com flexibilidade a uma variedade de valores e princípios ideológicos substantivos, tais como populismo socialista ou conservador, populismo autoritário ou progressista e assim por diante”. No caso do populismo de extrema-direita, uma propriedade frequente é a do “autoritarismo”.

Segundo os autores, o autoritarismo é caracterizado pela conformidade, segurança e lealdade. Argumenta-se que os apelos autoritários resultam em algo semelhante a uma relação com um líder tribal, enfatizando a solidariedade entre grupos, uma adesão estrita às normas internas e a rejeição aos de fora. Nesse contexto, a ascensão de líderes populistas de extrema-direita, mesmo em democracias consolidadas, não foi apenas uma busca por legitimidade como representantes do povo, mas também um movimento de combate à corrupção, baseado em sua retórica antiestablishment e antielitista. Essa retórica alimenta a desconfiança nas instituições democráticas e, nos casos mais intensos e dependendo do contexto, na própria democracia. Para analisarmos como se conformou a

demanda por este tipo de direita radical no Uruguai, compreendemos que as atitudes populistas se encontravam latentes, mas emergiram quando houve uma sincronia entre situações do contexto socioeconômico e político. A demanda pelo populismo ocorreu quando houve uma percepção geral de que as ameaças à existência da sociedade estavam presentes (MUDDE; KALTWASSER, 2017). Quando coincide um conjunto de situações, seria possível localizar uma “tormenta perfeita” que permite a ativação das atitudes populistas.

Os fatores que criam as condições necessárias para a emergência das atitudes populistas são: a) percepção geral de que as ameaças à existência mínima da sociedade, como recessão econômica ou divulgação sistemática de casos de corrupção; b) sentimento geral de que o sistema político não responde e a população se sente abandonada pelo establishment; c) combinação de aspirações democráticas e sentimento antiestablishment entre grupos sociais discriminados. Estas atitudes populistas são as que se desprendem da definição do populismo ideacional: 1) divisão do mundo entre povo e elite; 2) entendimento do povo como virtuoso contra a elite corrupta; e 3) o governo deveria seguir a vontade geral. As atitudes populistas a serem observadas são: a) percepção negativa dos políticos e da política, b) a política como antagônica; e c) priorização da vontade popular. Como este trabalho foca no populismo de direita radical, observamos aquelas atitudes específicas. Essas características ganham forma por meio de elementos ideológicos: nativismo, autoritarismo e populismo (MUDDE, 2007). Como consideramos que o nativismo é mais útil para explicar o caso europeu do que o latino-americano, ele não será abordado, o que nos deixou com dois conceitos: autoritarismo e o populismo. Cabe destacar que, no primeiro caso, a América Latina deve ser observada em associação ao punitivismo pelas forças de segurança.

### **Metodologia e técnicas adotadas**

Por se tratar de um desenho de pesquisa qualitativo, buscamos responder à pergunta que guia este trabalho por meio de um estudo de caso único, o partido Cabildo Abierto. Tomando como referência a literatura que elenca os critérios essenciais para a escolha de modelos compostos por poucos (small-N) ou muitos casos (large-N), a escolha da organização se deu uma vez que ela preenche as

seguintes lacunas: delimitação espacial e temporal, relevância para a teoria, informações que podem ser utilizadas na construção de uma resposta ao problema colocado. Para a Ciência Política, os casos podem ser explicados como acontecimentos, agentes e situações complexas com dimensões variáveis em interconexão. Eles são uma construção intelectual, aplicada para explicação do objeto de estudo em um determinado contexto e tendo como referência informações disponíveis sobre ele. Também podem ser entendidos como fenômenos e eventos definidos e estudados empiricamente (NETO; ALBUQUERQUE, SILVA, 2024; YIN, 2015; PERISSINOTTO; NUNES, 2023). Sistematizamos a seguir as definições de caso na Ciência Política.

**Quadro 1: Casos na literatura da Ciência Política**

Autor	Definição
King, Keohane, Verba (1994)	Um fenômeno do qual nos reportamos e interpretamos uma única medida de qualquer variável pertinente...
Mjoset (2009)	Um caso é um desfecho precedido por um processo que se desenrola no tempo...
Simons (2009)	Uma situação ou um fenômeno em seu contexto...
Stake (1999)	Quando trabalhamos em Ciências Sociais e serviços humanos, é provável que [o caso] seja um alvo que tenha até uma personalidade. O caso é um sistema integrado.
Yin (2003)	Algum evento ou entidade. Uma unidade de análise, definida e delimitada.

Fonte: Manual para a Pesquisa Qualitativa (Neto, Albuquerque e Silva, 2024).

A escolha dos casos ou caso não segue a lógica da inferência estatística por amostragem, mas uma lógica inferencial qualitativa, relacionada à suficiência do caso (ou casos) em fornecer as informações necessárias para uma resposta ao problema de pesquisa. Definida a unidade de análise para o desenho de pesquisa, o próximo passo a ser dado é extrair os dados relevantes a partir das peculiaridades do(s) objeto(s) escolhido(s). Como explica Gerring (2004, p. 342), a técnica permite um estudo imersivo em uma única unidade com o propósito de compreender uma classe maior de unidades semelhantes. Ragin (2009, p. 225) aponta que um estudo de caso limita o mundo empírico a um fenômeno específico, conectando-o a ideias teóricas, resultado de um esforço para vincular ideias e evidências. O caminho metodológico prevê a “mineração” de informações relevantes do caso e compará-las com categorias previstas na literatura sobre o tema em análise, não deixando à margem o contexto de formação, a estrutura

e os mecanismos de funcionamento do caso escolhido. Para executar esse percurso, devem ser executadas três etapas: a extração, a comparação e a análise dos elementos do caso ou casos escolhidos.

### Quadro 2: passos de um estudo de caso

Passo	Funcionamento
Extração	Buscar no caso as informações (dados) relevantes que possam contribuir para a solução do problema de pesquisa dentro do recorte proposto.
Comparação	Confrontar os dados encontrados com as inferências da literatura sobre o tema, especialmente as categorias de análises pré-determinadas.
Análise	Construir uma explicação para o fenômeno estudado a partir das informações extraídas e da comparação entre os dados esperados e encontrados, dentro de cada categoria, focando nos processos, mecanismos e relações causais.

Fonte: Manual para a Pesquisa Qualitativa (Neto, Albuquerque e Silva, 2024).

O estudo de caso é a ferramenta adequada para se obter corretamente inferências qualitativas sobre o objeto de estudo a partir de um caso único ou de um conjunto formado por múltiplas ocorrências. Desenhos de pesquisa que seguem esse modelo dependem da apresentação do contexto em que o objeto se forma e, na sequência, permitem a produção de um conhecimento específico e descritivo (NETO; ALBUQUERQUE, SILVA, 2024). A escolha pelo método justifica-se porque preenchemos dois requisitos essenciais para não deixar dúvidas sobre a escolha: há estudo de caso apenas quando se coletam informações a partir de um fato, nesta pesquisa isso se concretiza no caso escolhido, o *Cabildo Abierto*. Estas informações concretas (empíricas) serviram para solucionar a questão de pesquisa: existe populismo de direita radical no Uruguai?

105

### Nosso caso (o *Cabildo Abierto*)

Após quinze anos de presidência à esquerda por meio da Frente Ampla, a eleição nacional uruguaia de 2019 ganhou destaque por ter oferecido as condições para um novo realinhamento na correlação de forças. Com o desgaste da Frente Ampla, a vitória nas eleições nacionais foi de uma coalizão que reunia todas as direitas locais e uma parcela do centro. Um dos partidos que integrou essa coalizão e que irrompeu no período pré-eleitoral foi o *Cabildo Abierto* (CA). Esta organização foi entendida como uma nova direita, “neopatriota” (SANAUHA; LOPEZ, 2020), um caso de “vinhos novos em odres velhos” ou uma “tradição



inovadora” (CAETANO, 2023). Uma direita que canalizava um sentimento latente (MARTIARENA, 2021), uma ultradireita (TANSCHKEIT, 2023). O *Cabildo Abierto* surgiu no cenário político em março de 2019, sete meses antes da primeira rodada das eleições nacionais e se impondo como quarta força política. Considerando que a democracia uruguaia é um sistema político caracterizado pela forte presença de velhos partidos, o debate sobre a centralidade nas organizações partidárias construiu uma história unificada do passado nacional, na qual todas as manifestações sociais e políticas da sociedade se vinculam a partidos (Demasi, 2008). O avanço dessa organização foi surpreendente para muitos estudiosos.

O partido nasceu a partir da institucionalização do *Movimiento Social Artiguista* (MSA), fundado um ano antes do pleito. Ao tomar o nome de *Cabildo Abierto*, a organização resgatou fortemente o legado hispanista e *artiguista* e o MSA passou a ser a principal tendência do partido, cujos principais dirigentes formaram a lista de membros fundadores e das principais lideranças. Segundo reportagem do jornal *La Diaria*, em 4 de abril de 2020, o MSA começou em 2018 tendo por trás o geógrafo e jornalista de *La Mañana* Marcos Methol, filho do pensador Alberto Methol Ferré, o notário e advogado Guillermo Domenech, atualmente senador, filho do líder nacionalista Gervásio Domenech; e o proprietário rural e diretor do jornal *La Mañana* e ex-líder da JUP, Hugo Manini Ríos (morto em 2023).

106

Os três fundadores do movimento têm trajetórias políticas diferentes, mas entrelaçadas. A família Manini Ríos é colorada de tradição *riverista*; já Domenech era integrante, como seu pai, do Partido Nacional do setor *herrerista*; Methol, assim como seu pai, teve participação no PN e apoiou a candidatura Mujica. O passado político dos fundadores oferece um mapa sobre a formação e a ideologia do partido. Domenech foi o presidente do partido desde sua fundação até 2024. Esse comando foi compartilhado entre os membros fundadores e as principais figuras do partido, mas no final da primeira legislatura ficou patente uma falta de unidade entre os membros do partido e a saída de lideranças, uma a de Eduardo Radaelli. Ele caminhou para candidatura independente e levou seu grupo. A deputada suplente Inés Monzillo, que migrou para o Partido Nacional, e o advogado Eduardo Lust, que fundou seu próprio partido, Constitucionalista. Todas as rupturas foram encaradas como “traições” de atores que buscavam protagonismo e utilizaram o CA para projetarem suas carreiras políticas.



Apesar das trajetórias distintas, esses atores se uniram pelo que Domenech definiu como coincidência na “concepção cristã da vida”, que vinculou essa cosmovisão com o artiguismo. Em entrevista para *La Diaria*, em abril de 2020, afirmou: “Artigas não era um católico praticante, mas era um indivíduo crente formado com os franciscanos, compartilhava a preocupação da igreja pelos mais desvalidos”. Domenech não integra mais o parlamento e se retirou da presidência do partido para se dedicar à formação política para jovens. O primeiro presidente do CA e formador de quadros buscou realinhar sua biografia posicionando-se como o líder capaz de unir o grupo e desafiar a ordem em um momento de crise social e política.

Para Caetano (2023), o CA rapidamente conquistou alas mais radicais de organizações tradicionais da direita uruguaia, incluindo a “família militar” e núcleos opositores ao *Frente Amplio*, e atraiu setores populares que antes votavam no ex-presidente José Mujica. A organização ascendeu como uma resposta aos efeitos da chamada onda rosa, fenômeno caracterizado por vitórias de líderes de esquerda em países da América Latina entre as décadas de 1990 e 2000, uma reação aos efeitos negativos do modelo econômico neoliberal. Os resultados desse realinhamento eleitoral foram influenciados pelas características sociais e o contexto de cada país (Francisco Panizza apud Silva, 2010). O novo mapa começou a ser desenhado com a vitória de Hugo Chávez na Venezuela (1998), Ricardo Lagos no Chile (2000), Lula no Brasil (2002), Tabaré Vázquez no Uruguai (2004), Evo Morales na Bolívia (2005), Daniel Ortega na Nicarágua (2007), Rafael Corrêa no Equador (2007), Fernando Lugo no Paraguai (2008), Mauricio Funes em El Salvador (2009). Além da chegada ao poder, o período também foi marcado por reeleições (Silva e Freixo, 2023).

A Ciência Política ainda debate sobre como conceituar cada experiência durante a onda rosa. Fuser (2018) critica o entendimento de ascensão de duas esquerdas, divididas entre refundadores e reformadores. No primeiro grupo, também chamado de bolivariano, estariam Chávez, Morales, Corrêa, Funes e Ortega; no segundo, nomeado de social-democrata, Lagos, Lula e Vázquez (SILVA; FREIXO, 2023). Em comum, estes governos implantaram uma agenda voltada à redução das desigualdades sociais, especialmente econômicas. Como o nome indica, a onda rosa foi menos radical que as vermelhas da década de 1960, mas isto não evitou reações tanto em nível nacional quanto internacio-

nal. Segundo Bohoslavsky (2023), a agenda da onda rosa foi marcada por três aspectos: maior regulação da economia e distanciamento do Fundo Monetário Internacional (FMI); instauração da agenda de direitos e adoção de políticas de memória e reparação pelos crimes de ditaduras civis-militares.

As especificidades locais são essenciais para o entendimento de como essa guinada à esquerda alterou a correlação de forças em cada país. No caso uruguaio, os efeitos da política econômica neoliberal foram mais “lentos”, uma vez que o Estado historicamente tem papel central no funcionamento da máquina pública, incluindo a assistência social. O mesmo ocorreu na transição dos governos pelos partidos tradicionais, Nacional (Blancos) e o Colorado, para a Frente Ampla. A mudança se deu de forma paulatina e sem choques traumáticos (LANZARO, 2003). Após experiências bem-sucedidas na administração de Montevideú, após vitórias nas eleições de 1989, 1994 e 2000, a FA obteve o capital político necessário para ocupar o vácuo gerado pela crise dos partidos tradicionais e por um realinhamento eleitoral. Como resultado, o país passou de um sistema bipartidário para um multipartidarismo moderado (LANZARO, 2003; MOREIRA, 2004). O ciclo de governos da FA foi marcado por mudanças macroeconômicas, redução da pobreza, pela entrada da agenda dos novos direitos, a legalização do aborto, da cannabis e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Essa agenda seria alvo principal da direita no fim do ciclo de governos da FA, marcado pela derrota para o colorado Luis Alberto Lacalle Pou, que contou com o suporte de uma coalizão de partidos de direita, incluindo o Cabildo Abierto.

O CA, desde a campanha política, misturou características similares às direitas que emergiram em outros países com características locais, especialmente tradições que pareciam abandonadas (MARTIARENA, 2021). Apresentou-se como uma organização diferente, cujo *slogan* “acabou o recreio” funcionou tanto para a aérea da segurança pública como um aviso para o establishment político e econômico e para as políticas voltadas às minorias sociais. Sua fundação coincidiu com a nomeação do seu candidato à presidência, o ex-chefe do exército Guido Manini Ríos. Com origem em uma família política, de tradição *colorada*, *riverista*, que se associa com o conservadorismo, o catolicismo, o mundo rural e dono de um jornal conservador (CAETANO, 2021; DEMASI, 2019; BRUNO, 2007; JACOB, 2006).

Pedro Manini Ríos deixou a política em 1942 e seu jornal, *La Mañana*, continuou em ação e, a partir da divulgação de notícias anticomunistas, ajudou a consolidar a visão política do ruralismo. Posteriormente, funcionou como órgão de comunicação de outras organizações de direita, servindo como pontapé inicial de uma corrente conservadora capaz de se unir a frações de pensamento similar. É dessa tradição que origina o partido. O CA se legitimou a partir da figura do herói da independência nacional, José Gervasio Artigas, ao adotar seu nome para batizar o movimento que lhe deu origem. Símbolos que remetem a Artigas, como a bandeira de seu movimento, aparecem repetidamente no programa e nos discursos de líderes do Cabildo (MARTIARENA, 2021). Domenech chegou a comparar Manini Ríos com Artigas no fechamento da campanha na fronteira com o Brasil: “Deus mandou a Manini Ríos para guiar aos *artiguistas*”. Tanto interna quanto externamente, as ações do CA se voltaram a velhas tradições da direita uruguaia e aproximam-se do ruralismo de Benito Nardone, do herrerismo da década de 1950 e do pachequismo (CAETANO, 2021, 2023; MARTIARENA, 2021). Tradições conservadoras, liberais, tradicionais e com um certo nativismo rural católico e protofascista (CAETANO, 2021). A ascensão política de Guido Manini Ríos aconteceu como candidato à presidência, semanas após ser demitido pelo Presidente da República do cargo de comandante em chefe do exército nacional. Isso aconteceu após críticas ao Poder Judiciário e ser acusado pelo ocultamento das confissões do militar José Nino Gavazzo ante o Tribunal de Honra militar. Gavazzo foi julgado por jogar, em 1973, o corpo do tupamaro Roberto Gomensoro no Rio Negro. Em resposta, divulgou uma mensagem em vídeo no canal oficial do exército. Vestindo roupas militares, declarou: “incapazes de ver a realidade, cegos pela soberba ou presos em seus prejuízos ideológicos e pela ação dos que lucram com o confronto, transformados em peões bem pagos dos centros de poder mundial”. Apesar de não ser o primeiro militar a integrar um partido político no país — figuras de destaque da Frente Ampla eram militares —, foi o primeiro candidato à presidência identificado e cercado por pessoas com um “olhar militar” da sociedade (MARTIARENA, 2021). Isto é importante porque, como vimos acima, o autoritarismo e a crítica às instituições democráticas ou establishment é importante para compreender o populismo de direita radical.

Fundador e presidente do partido, Guillermo Domenech é notário e advogado, define-se como cristão e, assim como seu pai, integrou o Partido Nacional no setor *herrerista*. Explicando a organização em entrevista para o La Diaria, em abril de 2020, declarou que, apesar das trajetórias diferentes dos membros, a união entre eles foi fruto de uma coincidência na “concepção cristã da vida” e vinculou essa cosmovisão com o *artiguismo*.

Assim como a maioria dos membros do CA, Domenech atacou a agenda de direitos. Essa posição ficou visível desde a formação do partido e durante a campanha eleitoral. Em um ato político, ele a definiu como “o matrimônio homossexual, o aborto, a legalização da maconha e alguma outra coisa” e agregou: “daqui a pouco vão nos impor alguma lei pela qual a homossexualidade seja obrigatória”. Durante a votação pelo pré-referendo que buscou a revogação da “Lei Trans”, Manini Rios declarou à imprensa que não concordava com a ideologia de gênero que desejavam impor. Estas falas são sistemáticas e apresentam o feminismo e a luta pelos direitos da população LGBTQIA+ como uma “ameaça” à sociedade (Martiarena 2021). Membros do CA têm vínculos com a JUP (BROQUETAS; CAETANO, 2023), organização muito ativa na luta anticomunista até o início da ditadura uruguaia. Segundo Bucheli (2020), ela foi fundamental na construção do ambiente social e político do governo autoritário, mediante seu discurso de confrontação, suas mobilizações e o uso da violência.

Outro ponto fundamental é a relação com o revisionismo histórico. A organização tem uma relação estreita com as reações geradas entre militares da reserva e civis vinculados à ditadura, especialmente após os processos judiciais de 2005 e a aplicação de políticas de memória (BROQUETAS, 2022). O partido se enquadra no que Broquetas e Caetano (2024) consideram ser um momento de incipiente guerra cultural ante pautas progressistas. Extraídas, comparadas e analisadas as informações de nosso estudo de caso, podemos definir o Cabildo Abierto como o agente aglutinador das direitas mais conservadoras que pareciam ter perdido sua representação no país. Esse papel ocorreu a partir da incorporação de elementos novos ao componente populista, patente ao mostrar como os representantes do “povo uruguaio” para enfrentar políticos tanto nacionais quanto estrangeiros, que buscavam minar a soberania e a tradição nacional. Para darmos empiria à tipificação do Cabildo Abierto como o partido que representa

o populismo radical no Uruguai, sistematizamos projetos de lei apresentados por integrantes da legenda no parlamento uruguaio a partir de 2020.

### Quadro 3: propostas do CA no Parlamento Uruguaio entre 2020 e 2024

Tema	Conteúdo
Indenização para vítimas de crimes cometidos durante a ditadura uruguaia (policiais, militares e civis) por grupos armados de caráter ideológico.	A reparação moral e patrimonial deverá ser feita às vítimas, ou a seus sucessores, quando apropriado dos atos ilícitos perpetrados entre 1º de janeiro de 1962 e 31 de dezembro de 1976 por membros de grupos organizados e armados com objetivos políticos ou ideológicos que, como consequência ou por ocasião de tais atos, tenham sofrido perda de vida, incapacidade permanente, total ou parcial, para o trabalho ou privação de liberdade por mais de setenta e duas horas.
Violência de gênero contra mulheres.	O problema social e moral da violência de gênero no desenvolvimento de nossas sociedades é inegável. No entanto, o “submundo das falsas alegações” tornou-se um problema social e relacional entre homens e mulheres. Embora a proteção da suposta vítima seja necessária, ela pode, em alguns casos, levar a graves abusos e vitimização e crianças podem ser mantidas reféns da situação. A proteção contra a violência de gênero, Lei 19580 de 09/01/2018, não respeita o princípio da inocência nem o direito ao devido processo legal.
Equiparação salarial entre policiais na ativa e aposentados (incluindo pensionistas).	Dar uma resposta a um grupo de policiais ativos e aposentados prejudicados por sucessivas modificações de benefícios e categorizações de cargos implementadas e suprimidas por legislações nos últimos anos. Quando se aposentam ou quando vão se aposentar, sofrem uma diferença considerável em seus benefícios de aposentadoria. A situação é tão grave que, para o mesmo cargo, categoria e idade, as diferenças podem chegar a até vinte mil pesos uruguaiois.
Ampliação da possibilidade de prisão preventiva.	Uma vez iniciado o processo, quando a investigação estiver formalizada a pedido do Ministério Público, a Corte poderá ordenar a prisão preventiva do acusado se houver indícios de provas da existência do fato e da participação do acusado e provas suficientes para presumir que o acusado tentará fugir, ocultar ou dificultar a investigação de alguma forma, ou que a medida seja necessária para a segurança da vítima ou da sociedade (artigo 15 da Constituição da República). Para esse fim, o tribunal deve ter acesso ao arquivo do promotor.

III

Fonte Levantamento feito pelos autores junto ao Congresso Uruguaio.

### O discurso antagônico do *Cabildo Abierto*

A partir das informações detalhadas no quadro acima, buscamos localizar a gênese dessas propostas, cujos alvos principais são a agenda de direitos e a esquerda

uruguaia. O *slogan* da campanha do CA para as eleições de 2019 era: “acabou o recreio”. São variadas as formas de interpretá-la. Analisamos diferentes instâncias nas quais membros do partido realizaram pronunciamentos que ajudassem a localizar a visão de mundo da organização e a relação com a demanda pelo populismo radical na sociedade. Iniciamos pelo sentimento de punitivismo do discurso e o peso do vínculo militar na organização, uma vez que a polícia é associada com a vocação de serviço e cuidado. Em 2022, Manini Ríos declarou que o aparato de segurança defende os mais frágeis. Ao comentar o assassinato de um policial, disse que era preciso “fechar fileiras sem claudicações ante esse tipo de delito irracional. Ante essas infames atuações de quem acostudou-se a agir totalmente fora da lei, sem respeitar nada”.

O discurso do partido funciona por meio de antagonismos e peso sobre a moralidade. As forças policiais defendem as pessoas “de bem” de “criminosos” e ambos podem contar com a proteção da legenda. Do outro lado, a criminalidade tem nos governos da esquerda o ambiente propício para atuar livremente. Em novembro de 2021, o líder do CA deixou claro que seu alvo era a Frente Ampla: “quinze anos de medidas equivocadas levaram à desobediência civil. Tem se inculcado, às vezes desde a escola, a falta de respeito”. A ideia de que a esquerda e outros grupos dividem os uruguaios aparece em todos os eixos das falas das lideranças. A causa de um suposto enfraquecimento social é creditada a uma juventude com uma vida de ócio, drogas e crime. A missão do CA, ao lado das velhas direitas, é resgatá-los.

A construção de inimigos também compõe o discurso. O avanço do feminismo é visto como uma ameaça. Esse sentimento radical ganhou forma em declarações seguidas de lideranças e parlamentares. Destacamos algumas falas em relação ao dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher. Na data, a maioria dos representantes homens cede seu lugar a uma mulher que seja suplente no parlamento uruguaio. Em 2022, a deputada Inés Monzillo declarou que considerava o momento em “que as feministas radicais não falem mais em nome de todas as mulheres”. Ela se definiu como parte de um “feminismo dissidente, pró-vida, que aceita a diversidade de opiniões, mas não acredita na vitimização constante”. Um ano antes, disse que a data não era uma homenagem às mulheres que lutaram por direitos, mas uma promoção ideológica e política. Para a deputada, esse mal era fruto da “ideologia de gênero” e não buscava melhorar a

condição das mulheres, mas dividir a sociedade e “acrescentar a distância entre os sexos, querendo demonstrar que, pela fraqueza das mulheres, é necessário que lhe presenteiem com cotas”.

Em 2021, durante a defesa de um projeto que alterava regras de guarda compartilhada, do qual era uma das autoras, Monzillo afirmou que “o papel do pai é diferente do exercido pela mãe. Ante a falta de um progenitor, a criança sempre será órfã”. Ela criticou mulheres que se negam a compartilhar a guarda dos filhos, assim como os homens que não levantam sua voz por medo do politicamente correto. O discurso do CA concentrou seus esforços também no campo da educação. Para os líderes da legenda, o sistema educacional foi cooptado por uma ideologia de gênero, responsável por impor a crianças de 5 ou 6 anos que seu sexo é opcional, uma construção social. Domenech, em 2020, afirmou que as esquerdas de 1950 e 1960 se nucleavam em organizações armadas que “pretendiam mudar nossa forma de governar e impor um regime que, por sorte, ou graças a Deus, não conseguiram impor no país”. Para o senador, caso as esquerdas não tivessem sido impedidas, os uruguaios teriam “as liberdades violadas como na Nicarágua, na Venezuela e em Cuba”.

113

O Cabildo ainda produziu um relatório próprio sobre os anos que antecederam a ditadura militar. Manini Ríos declarou que foram “décadas em que os uruguaios viveram surpresos, temerosos e ameaçados por uma escalada sangrenta”. O político questionou um suposto ocultamento dos mortos dessa época nos livros de história e considerou que se apagaram quatro mortes que “deram lugar à reação das Forças Conjuntas. Apontou que o Poder Executivo à época, com a aprovação da Assembleia Geral, declarou o Estado de guerra interna, dando lugar à intervenção militar “diante do estado de amedrontamento no qual se encontrava a justiça ordinária depois de uma onda de ameaças e sequestros sofridos pelos integrantes. Domenech considerou que essa visão “distorcida” é validada por uma lei que deixava uma imagem da “não existência no ano de 1968 de uma democracia plena no país”. Nesse sentido, “considero uma ofensa para quem vive nessa época e somos cientes da realidade (...), sabemos que a Constituição foi respeitada até 1973”.

Essa tentativa de reconstruir o passado também ganhou forma no projeto de lei que buscou uma reparação às vítimas de atos de “grupos ideológicos”. A proposta previa que esse ressarcimento não fosse somente econômico, mas também



por “implantar ou introduzir nos textos de estudo de todos os âmbitos da educação, a verdadeira história, o testemunho dessa gente que foi vítima desse agir”. O texto propunha uma equiparação da violência de grupos armados à violência cometida pelo Estado durante o regime autoritário (VÁZQUEZ; DEL RIO, 2023). No texto, o partido homenageou civis vítimas de grupos ideológicos. O discurso da organização propagava que uma união nacional não seria possível porque ainda eram abordados assuntos que “remetem às décadas de sessenta e setenta” e os “violentos de então foram vitoriosos sobre os que buscavam construir um futuro”. Para Domenech, “os violentos continuaram triunfando, pois, ao chegarem ao governo, acabam cumprindo mandatos extensos”. Rios avaliou que a esquerda “buscava eternizar a fratura na nossa sociedade e fazia correr generosamente os recursos para manter aceso o fogo que ardeu há meio século”. É no antagonismo a estes violentos que o *Cabildo Abierto* construiu sua identidade.

### **Análise das informações (dados) coletados**

Considerando que passou a existir uma oferta de populismo de direita radical, ela só pôde ganhar forma na política institucional devido à demanda canalizada na sociedade uruguaia. Essa afinidade eletiva pôde ser comprovada por meio do comportamento da população acerca de temas relacionados a atitudes populistas. Essa análise atitudinal foi medida por meio de rodadas de *surveys* do Barômetro das Américas, realizadas pelo Lapop entre 2016 e 2023, ou seja, nos anos que antecederam a entrada do *Cabildo Abierto* no sistema político uruguaio, e a sondagem realizada logo após às eleições nacionais de 2019. Para medir o contexto que permite a emergência e as atitudes populistas, optamos por questões relacionadas às dimensões econômica e política e que envolviam temas diretamente relacionados à estrutura ideacional do populismo radical de direita. As tabelas abaixo oferecem um quadro geral sobre a proposta deste artigo.

114

### **Você considera que sua situação econômica atual é melhor, igual ou pior que a de doze meses atrás?**

Respostas	2016	2018	2021	2023
Piorou	31,5%	34,4%	45,9%	37,1%
Estável	48,8%	47,7%	44,3%	44,8%
Melhorou	19,7%	17,9%	9,8%	18,1%



**Você se sente muito seguro, pouco seguro, pouco inseguro ou muito inseguro?**

Respostas	2016	2018	2021	2023
Muito Inseguro	12,8%	16,5%	11,9%	15,0%
Um pouco inseguro	30,7%	31,2%	31,0%	26,6%
Um pouco seguro	38,2%	34,3%	36,7%	37,2%
Muito Seguro	18,3%	18,0%	20,4%	21,2%

**Pensando nos políticos do país, quantos considera que estão envolvidos em corrupção?**

Respostas	2016	2018	2021	2023
Nenhum	2,9%	3,5%	6,5%	2,7%
Menos da metade deles	31,7%	25,5%	33,6%	29,9%
Metade deles	25,4%	20,7%	25,6%	26,6%
Mais da metade deles	29,8%	30,5%	26,1%	26,9%
Todos	10,2%	19,8%	8,2%	13,9%

**Pode ser que a democracia tenha problemas, mas é melhor que qualquer outra forma de governo. Até que ponto concorda com essa afirmação?**

Respostas	2016	2018	2021	2023
Discorda Totalmente	2%	4,5%	4,5%	3,4%
2	2,2%	2,2%	2,2%	2,4%
3	3,4%	5%	5,7%	5,9%
4	9,9%	12,1%	7,7%	12,8%
5	13,1%	14,5%	19,8%	15,7%
6	18,6%	15,7%	16,3%	17,6%
Concorda Totalmente	50,8%	46%	43,8%	42,2%

115

**Você diria que está muito satisfeito, satisfeito, insatisfeito ou muito insatisfeito com a forma em que funciona a democracia no seu país?**

Respostas	2016	2018	2021	2023
Muito Insatisfeito	5,2%	8,5%	3,6%	5,4%
Insatisfeito	27,2%	32%	14,2%	25,6%
Satisfeito	57,3%	48,7%	62,2%	57,9%
Muito Satisfeito	10,3%	10,8%	19,9%	11,1%

**Na sua opinião, se justificaria um golpe de estado pelos militares ante muita delinquência?**

Respostas	2016	2018	2021	2023
Não se justifica	74,6%	76,2%	%	79,9%
Se justifica	25,4%	23,8%	%	20,1%

Fonte: Base de dados das ondas de *surveys* do Barômetro das Américas (2016, 2018, 2021 e 2023)

## Considerações finais

O presente trabalho buscou entender se o *Cabildo Abierto* pode ser considerado um caso de populismo de direita radical. Para isto, analisamos o partido tendo como referência a definição ideacional de populismo e observamos elementos conjunturais do país, assim como alguns aspectos atitudinais da população. Colocamos em perspectiva sua formação, declarações dos membros e propostas que se relacionam com os assuntos centrais deste tipo de populismo de direita radical num nível mundial.

Assim sendo, um conjunto de achados interessantes nos permitiu compreender melhor o caso uruguaio. Primeiramente cabe destacar que o surgimento de *Cabildo Abierto* coincidiu com a literatura que discute uma reação da direita ante o avanço da esquerda em um contexto de esvaziamento da direita tradicional mais conservadora na América Latina. Esta organização passou a ocupar um espaço que outrora foi reservado por outros partidos ou facções, mas que após a transição democrática foram perdendo espaço. Isto pôde ser observado quando remontamos a origem de seus membros fundacionais e de suas propostas, especialmente em questões de gênero, de justiça transicional e de punitivismo. Estes aspectos aparecem repetidamente em uma série de discursos, seja em audições do partido, seja em intervenções nas câmaras legislativas, deixando clara a visão de mundo do CA.

Uma particularidade do caso uruguaio é que, diferentemente dos seus vizinhos latino-americanos, é que a população tende a não se sentir muito insegura e considera sua situação economicamente estável. Por outro lado, em relação à corrupção, há uma percepção de que ela não é abrangente no meio político, mas existem alguns políticos corruptos, um sentimento que não é generalizado. Os dados revelam que os uruguaios, em sua maioria, consideram a democracia a melhor forma de governo e tendem a estar satisfeitos com ela no país. A maioria também não daria suporte a um golpe de Estado. A partir destes dados, temos um intrigante ambiente que propiciou o surgimento de um partido como CA, já que, desde seu *slogan* até suas propostas, mobiliza valores que não parecem ser os majoritários na população.

Torna-se interessante observar a formação do antagonismo deste partido, uma vez que, apesar de contar com um eleitorado reduzido, revela uma capacidade de mobilizar insatisfeitos com as políticas progressistas realizadas durante o governo da Frente Ampla e impulsionadas por organizações internacionais. Deste modo, o partido populista de direita radical dá sinais de um poder de mobilizar um povo que compartilha sua visão maniqueísta onde os políticos são corruptos, antinacionalistas e “os outros” pretendem minar a identidade e unidade nacional.

A formação do “nós” que este partido defende também é uma novidade. Diferentemente de outros casos na região, como o brasileiro, muito ancorado nos valores evangélicos, o uruguaio se baseia em elementos da história nacional. Apesar de sua relação próxima à Igreja Católica, a agremiação não opera nestes valores. A família, dessa forma, não é relacionada à imagem católica, mas à ideia do “mundo rural”, que também funciona por meio de uma hierarquia patriarcal. Isto lhe permitiu reivindicar um passado nacional reinterpretado em que a nacionalidade se vincula ao militarismo das lutas pela independência e se confunde com os eventos das décadas de 1960 e 1970, ambos momentos em que foi necessário defender a soberania nacional. Ao apresentarmos essa nova organização, tendo como referência um contexto e uma institucionalização específicos, acreditamos que futuros trabalhos poderão comparar os casos da América Latina com outras experiências, assim como aprofundar o uso de métodos quantitativos e qualitativos que permitam observar não somente mais casos, como também mais variáveis que permitam uma compreensão mais bem elaborada das particularidades do populismo no continente.

## Referências Bibliográficas

AGUILAR, Rosario; CARLIN, Rayan. “Ideational Populism in Chile? A Case Study”. *Swiss Polit Sci Rev*, 23, pp. 404-422, 2017.

BUCHELI, Gabriel. *O se está con la patria o se está contra ella: una historia de Juventud Uruguaya de Pie*. 2. ed. Montevideo: Fin de Siglo, 2020.

BOBBIO, Norberto. *Derecha e Izquierda: Razones y significados de una distinción política*. Madrid: Taurus, 1996.

BROQUETAS, Magdalena; CAETANO, Gerardo. “La ola de ultraderecha llega a Uruguay. Latin America’s Far Right Reborn”. *NACLA, Report on the Americas*, v. 56, n.1, 2024.

CAETANO, Gerardo. *El liberalismo conservador*. Genealogías. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2021.

CAETANO, Gerardo; SELIOS, Lucía; NIETO, Ernesto. “Descontentos y «cisnes negros»: las elecciones en Uruguay en 2019”, en *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales*, Vol. 21, N° 42, pp. 277 a 311, 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. *Dependencia y Desarrollo en América Latina: ensayo de interpretación sociológica*. Siglo XXI Editores, 1969.

CASULLO, Maria; ARAÚZ, Harry. *El populismo en América Central. La pieza clave para comprender un fenómeno global*. Siglo XXI, 2023.

DI TELLA, Torcuato. *Desarrollo económico y populismo en la Argentina*. Amorrortu, 1965.

FORTI, Steven. *Extrema derecha 2.0. Qué es y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2021.

GERMANI, Gino. *Política y Sociedad en una época en transición, de la sociedad tradicional a la sociedad de masa*. Buenos Aires: Paidós, 1964.

GOMES, Neto; ALBUQUERQUE, Rodrigo; SILVA, Renan. *Estudos de Caso. Manual Para a Pesquisa Empírica Qualitativa*. Petrópolis. Editora Vozes, 2024.

HAWKINS, Kirk; KASLTWASSER, Cristóbal. “The Ideational Approach to Populism”. *Latin American Research Review*, 2017.

118

IANNI, Octávio. *Formação do Estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

Latin American Public Opinion Project (LAPOP). LAPOP. Disponível em: <https://www.vanderbilt.edu/lapop/>.

LA DIARIA. “La reforma Vivir sin Miedo tuvo su aprobación más alta entre votantes blancos y de Cabildo Abierto”, 28 de octubre de 2019. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/elecciones/articulo/2019/10/la-reforma-vivir-sin-miedo-tuvo-su-aprobacion-mas-alta-entre-votantes-blancos-y-de-cabildo-abierto/>.

LUNA, Juan Pablo; KALTSWASSER, Cristóbal. “Castigo a los oficialismos y ciclo político de derecha en América Latina”. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, [S. l.], v. 30, n. 1, pp. 135–155, 2014. Disponível em: <https://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/482>.

MARTIARENA, Agustina. “A direita reage e se reinventa: a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio”, 2021. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

- MUDDE, Cas. The populist zeitgeist: Government and Opposition [?], 2005.
- \_\_\_\_\_. “Populism: An Ideational Approach”, *The Oxford Handbook of Populism*, 2017.
- \_\_\_\_\_. MUDDE, Cas; ROVIRA. *La ultraderecha hoy*. España: Paidós, 2021.
- KALTWASSER, Cristóbal. *Populismo: Una breve introducción*. Alianza Editorial, 2019.
- NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Nueva York: Cambridge University Press, 2019.
- ROODUIJN, Matthijs. “The nucleus of populism: In search of the lowest common denominator”. *Government and opposition* [?], v. 49, n. 4, pp. 573-599, 2014.
- ROSANVALLON, Pierre. *El siglo del populismo. Historia, teoría, crítica*. Buenos Aires: Manantial, 2020.
- ROVIRA. KALTWASSER, Cristobal. “La ultraderecha en América Latina: definiciones y explicaciones”. *Friedrich-Ebert-Stiftung*, 2023. Disponível em: <https://ultra-lab.cl/index.php>
- PANIZZA, Francesco, (ed.). *Populism and the Mirror of Democracy*. Phronesis [?] Verso (Firm: London, England), London, UK, 2005.
- SANAHUJA, José; LÓPEZ, Camilo. “La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional”. *Conjuntura Austral*, v. 11, n. 55, 2020 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/106956/58612>.
- \_\_\_\_\_. “Las ‘nuevas derechas’ y la ultraderecha neopatriota: conceptos, teoría y debates en el cruce de ideología y globalización”. In: SANAHUJA, José Antonio; STEFANONI, Pablo (org.). *Extremas derechas y democracia: perspectivas iberoamericanas*. Madrid: Fundación Carolina, pp. 13-36, 2023.
- SILVA, F. Allana; FREIXO, de Adriano. “Da ‘onda rosa’ à ‘maré azul’: crise e mudança no sistema partidário uruguaio (2005-2019)”. *Revista Mosaico*. Rio de Janeiro, vol.15, nº 24, 2023.
- TANSCHETT, Talita São Thiago. “La ultraderecha en Uruguay: Guido Manini Ríos e Cabildo Abierto”. *Friedrich-Ebert-Stiftung*, 2023. Disponível em: <https://ultra-lab.cl/index.php>.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- WEYLAND, Kurt. “Clarifying a Contested Concept”. *Comparative Politics*, 34 (1), pp. 1-22, 2001.
- YIN, Robert K. *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Editora Bookman, 2015.